

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

HERBÁCEAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: TROCAS CULTURAIS E SABERES TRADICIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

PEREIRA, GUYLHERME D'WILLIAN DE JESUS¹
SANTOS, ALINE SILVA²

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Voluntário IFSP, Campus São Paulo, guylherme.j@aluno.ifsp.edu.br.

² Profa. Dra. Aline Silva Santos, Departamento de Construção Civil, IFSP, Campus São Paulo, aline.santos@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.04.04.00-0 Paisagismo

RESUMO: O presente trabalho tem como intuito apresentar a pesquisa em andamento, constituída pelo levantamento sobre ervas – plantas herbáceas – valorizadas pelas culturas afro e indígenas brasileiras, os quais sofrem diversos apagamentos a partir da lógica da colonialidade do poder. Objetiva-se, então, documentar essas espécies vegetais, discutindo suas origens e valores simbólicos, a fim de resgatar e subverter a lógica colonial da mortandade dos saberes tradicionais afro e indígenas. Para tanto, realizou-se uma revisão integrativa de literatura sobre o tema e, está em planejamento o contato com coletivos culturais e outras organizações afroconfluentes que realizem atividades que dialoguem com o tema da pesquisa. Como forma de disseminação, pretende-se organizar este material em uma publicação no formato de um pequeno livro, visando fomentar o uso dessas espécies tanto para projetos paisagísticos como no âmbito doméstico.

PALAVRAS-CHAVE: Ervas; Cosmovisão; Saberes tradicionais; Afroconfluência; Paisagismo.

HERBACEOUS PLANTS THAT TELL STORIES: CULTURAL EXCHANGES AND TRADITIONAL KNOWLEDGE IN THE CONSTRUCTION OF THE LANDSCAPE

ABSTRACT: The present work aims to present the ongoing research, consisting of a survey of herbs—herbaceous plants—valued by Afro-Brazilian and Indigenous cultures, which have suffered various erasures under the logic of coloniality of power. The objective is to document these plant species, discussing their origins and symbolic values, in order to rescue and subvert the colonial logic that has historically led to the silencing of Afro and Indigenous traditional knowledge. Therefore, an integrative literature review on the topic has been carried out, and contact with cultural collectives and other Afro-confluent organizations engaged in related practices is currently being planned. As a means of dissemination, the intention is to organize this material into a publication in the format of a small book, with the aim of fostering the use of these species both in landscape projects and in domestic contexts.

KEYWORDS: Herbs; Worldview; Traditional knowledge Afro confluence; Landscaping.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade há evidências da relação estabelecida dos seres humanos com a Flora e Fauna (Albuquerque et al., 2022). O vegetal, nas suas mais diversas formas, oferece material para nutrir, vestir, curar e abrigar os seres vivos; entretanto, não é somente no sentido prático do consumo que essa relação se dá. Diversos povos e culturas, por exemplo, atribuem sacralidade aos vegetais, tornando-os elementos centrais no desenvolvimento de ritos e/ou festejos, evidenciando o simbolismo e espiritualismo que as plantas podem adquirir a partir dessa relação etnobotânica (Oliveira, 2021) para além de uma função prático – objetiva.

Apesar disso, desde o período colonial brasileiro foram produzidas diversas formas de dominações nos limites do ser e saber, as quais levaram a subalternização e apagamento histórico de

povos ancestrais da terra – Indígenas –, povos Africanos, Afrodescendentes e suas cosmovisões (Simas; Rufino, 2019). Nesse contexto, é essencial para o resgate dessas culturas e seus saberes tradicionais a consulta de seus descendentes, coletivos culturais e outras organizações atreladas com os saberes da terra.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo realizar o levantamento das ervas utilizadas e valorizadas nessas comunidades, apresentar reflexões sobre o papel das mesmas e as organizar em uma publicação – pequeno livro – de modo a fomentar seu uso tanto no cultivo doméstico, mas também em projetos paisagísticos planejados por profissionais da área.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento da presente pesquisa os procedimentos metodológicos adotados foram levantamento bibliográfico e, sobretudo, a pesquisa qualitativa com a realização de entrevistas (Bicudo; Martins, 2005). Nesse sentido, primeiramente realizou-se uma revisão integrativa da literatura relativa ao tema da pesquisa.

Adicionalmente, planejou-se a realização de entrevistas em profundidade semiestruturadas (Duarte, 2005) com pessoas que participam de coletivos culturais afro e indígenas em São Paulo. Tal modalidade de trabalho caracteriza-se pelo estabelecimento de uma conversa direcionada por um roteiro e com questões norteadoras. No caso, desenvolveu-se um roteiro relacionado aos saberes e práticas culturais de pessoas que participam de coletivos culturais afro e indígenas em São Paulo e do vislumbre para o futuro e preservação de suas cosmovisões, a partir da temática das ervas. A escolha pela cidade de São Paulo se deu pela facilidade de acesso do estudante pesquisador e também pela pluralidade presente na cidade.

Desse modo, selecionou-se as instituições para diálogo e identificação de possíveis interlocutores. Tomou-se como ponto de partida o contato pré-existente com o Adebankê (figura 1), espaço cultural afrocentrado sediado na zona Leste de São Paulo, organizado pelas chamadas Pretas Bás. Local previamente conhecido pelo estudante pesquisador, no qual foi notado o plantio e uso de ervas, as quais foram também registradas. Já a segunda instituição selecionada refere-se ao Terreiro de Umbanda Aldeia Pai Flecha Dourada (figura 2), comunidade religiosa na zona Sul de São Paulo, liderada pelo Pai de Santo Bruno de Oxaguiã. Assim como o Adebankê, esse é um local já conhecido pelo estudante, tendo sido realizadas visitas ao local e registradas as ervas ali presentes. Já foi realizado contato com essas duas organizações, cujos participantes se mostraram interessados em colaborar com as entrevistas. Nesse sentido, aguarda-se o aval do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP para o início destas. Entende-se ainda que estes contatos possam apontar outras possíveis instituições afins para inclusão no universo da pesquisa.

Ademais, pretende-se visitar a casa de culturas indígenas (OPY) construída no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e, realizar também uma consulta ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP (NEABI), de forma a saber se possuem indicações de instituições cujos participantes teriam adesão para a pesquisa.

FIGURAS 1 E 2. Parede do espaço Adebanke e Fachada Frontal do Terreiro de umbanda. Fonte: Baldan, 2025; Reprodução Via Instagram AldeiaPaiFlechaDourada, 2023.



A partir do material levantado, pretende-se confeccionar um livreto ilustrado, como forma de divulgação e disseminação da pesquisa. Para sua produção, pretende-se utilizar de ilustrações e fotografias, que serão produzidas pelo estudante pesquisador. De modo geral, será utilizado software gráfico para a diagramação do livreto, cuja composição pretende-se submeter à apreciação e avaliação das organizações consultadas.

A concepção de tal publicação focará na construção de um material confluyente, alimentado pelas pluralidades dessas comunidades para divulgação de seus saberes no âmbito paisagístico. O formato será digital, de modo a facilitar sua produção e distribuição. Caso haja a possibilidade, aventa-se a inscrição em editais para a publicação de livros, visando ampliar a distribuição do mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ervas, vegetação do estrato herbáceo, podem ter inúmeras utilidades como preparo de remédios, nutrição do corpo, confecção de roupas e artesanatos, entre outros. Porém, é válido ressaltar que para além da função prática elas carregam uma força simbólica de resistência, de conexão espiritual e ancestral com seus compartilhantes. Nesse sentido, tem-se a etnobotânica que estuda justamente a relação das plantas com os seres humanos e revela o caráter cultural que cada uma carrega em si (Albuquerque et al., 2022).

No Brasil, observa-se que para diferentes povos indígenas e de matriz africana os vegetais cumprem um papel cultural relevante, constituindo sistemas de saberes complexos que articulam corpo e natureza. Essas relações e saberes são transmitidos de forma predominantemente coletiva e oral, integrando práticas espirituais e objetivas. Um exemplo disso é o conhecido provérbio nagô iorubá “*Kò sí ewé, kò sí òrìsà*”, que significa “sem folha não há orixá”, o qual revela a importância das plantas na espiritualidade iorubá para conexão com suas divindades e ancestrais (Gomes; Catalão, 2015). Outro exemplo é a história contada pelo Filósofo Ailton Krenak (2022), em sua obra *Futuro Ancestral*, onde relata que o nascimento de uma criança Kuna, assim como uma Krenak, relaciona-se com uma planta presente no seu território: assim que a criança nasce, é escolhida uma árvore junto à qual é enterrado seu cordão umbilical e, deste modo, passam a compartilhar o mesmo espírito.

Contudo, culturas afrodescendentes e indígenas sofreram e sofrem constantemente apagamentos advindos do colonialismo. Nesse sentido, refere-se à “colonialidade do poder”, conceituada por Aníbal Quijano (2005), a qual diz respeito à constituição de um sistema-mundo capitalista eurocentrado, forjado a partir da ideia de raça, implantado com a conquista das américas, que considerava colonizados como biologicamente inferiores aos colonizadores estabelecendo uma hierarquia social com estruturas de poder, conhecimento e dominação favoráveis aos dito colonizadores. A colonização, como explicam Simas e Rufino (2019, p. 17), “[...] é trauma permanente ferida aberta, sangria desatada.” que produziu formas de subalternizar e relegar ao esquecimento uma diversidade de princípios explicativos de mundo, incluindo a diversidade de espécies vegetais, impondo uma produção agrícola centrada na monocultura. Relatos dessas violências como os descritos por Makota Kidoiale, liderança do Kilombo Urbano e Candomblé Manzo Ngunzo Kaiango, localizados em Belo Horizonte (MG), cujos territórios sofreram com a urbanização desrespeitosa ao seu modo de vida ancestral demonstram isso:

[...] Eles tiraram de nós o que nos sustenta, o que nos mantém. Mataram a vegetação: mataram o pé de jatobá, mataram o bambuzal, mataram as plantas que eles sabem que fazem, parte da nossa identidade cultural e religiosa, que têm com a nossa gente uma relação ancestral. (Kidoiale, 2023, p. 92).

Essa fala deixa claro os conflitos existentes entre a preservação da memória e cultura de terreiro contra a especulação imobiliária e o crescimento urbano desenfreado e esmagador, os quais causam a perda dos saberes, do solo sagrado, do pertencimento e demonstram a necessidade de políticas educadoras e legislações ambientais etnoraciais. Tendo isso em vista, disseminar o cultivo de ervas – com propriedades medicinais, ritualísticas e/ou espirituais – em uma escala urbana, como fazem terreiros e espaços culturais é uma forma de subverter e descolonizar o pensamento eurocêntrico imposto.

Assim, na presente pesquisa em andamento, realizou-se um levantamento prévio de espécies valorizadas pelas duas instituições na qual irá iniciar o trabalho de campo e posterior entrevista com participantes: o Terreiro Pai Flecha Dourada e o Espaço Adebánke. A título de exemplo, serão destacados a espada-de-santa-bárbara, a espada-de-são-jorge e o manjerição.

A espada-de-são-jorge e a espada-de-santa-bárbara são nomes populares para a mesma espécie de erva em suas variações, sendo *Sansevieria trifasciata* a denominação relativa à espada-de-são-jorge, e *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* à espada-de-santa-bárbara, que se diferencia por uma faixa amarelada nas bordas de suas folhas. São originárias do continente africano e possuem um porte de 70 a 90 cm de altura, podendo ser mantidas a pleno sol ou meia-sombra, sendo resistentes a solos áridos, ao calor tropical e ainda ao frio (Lorenzi, Souza, 2001). No que diz respeito ao valor cultural, têm a propriedade de proteção ao local de cultivo, sendo utilizadas como símbolos de defesa da região contra ataques tanto físicos quanto não físicos.

Já o manjerição, refere-se ao *Ocimum basilicum*, herbácea muito aromática que pode ter de 0,5 a 1 metro de altura. Planta disseminada em diferentes regiões do mundo, segundo boletim informativo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), é “subespontânea em todo Brasil” e provavelmente “chegou à Europa, vinda da Índia, passando pelo Oriente Médio” (Rodrigues, Gonzaga, 2001). De acordo com as organizações pesquisadas – Adebánkê e Terreiro Pai Flecha Dourada –, é uma erva utilizada para a produção de chás e banhos energéticos, associando-se ao bem-estar tanto físico quanto espiritual.

A partir da pesquisa prévia das ervas, como as apresentadas, pode-se dizer que a vegetação possui dimensões culturais e simbólicas que se confluem na sua relação com o ser humano (André, 2019). Esta relação é ancestral e se modifica no tempo e no espaço, constituindo um valioso patrimônio, que pode e deve ser preservado e conhecido, tendo em vista a valorização de saberes tradicionais, bem como a preservação ambiental.

Por meio de visitas prévias aos espaços realizou-se um registro fotográfico como levantamento prévio das espécies valorizadas pelas duas instituições onde será iniciado o trabalho de campo, seguido de entrevistas com os participantes. Foram registradas no Terreiro Pai Flecha Dourada uma diversidade de ervas, flores e folhas coletadas de pequenos arbustos, aos quais se destacam: Alecrim (*Salvia rosmarinus*), Arruda (*Ruta graveolens*), Boldo (*Peumus boldus*), Crisântemos (*Chrysanthemum grandiflorum*), Hortelã (*Mentha spicata*), Lavanda (*Lavandula stoechas*), Louro (*Laurus nobilis*) e Manjerição (*Ocimum basilicum* L.). Esses vegetais apresentados são utilizados nos rituais do coletivo para variadas finalidades. Como continuidade da pesquisa, espera-se que com as entrevistas programadas, consiga-se o indicativo de mais espécies valorizadas, bem como o aprofundamento de seus significados, relações afetivas e formas ancestrais de cultivo.

Simultaneamente ao levantamento das ervas, está em andamento um estudo prévio de linguagem gráfica para ilustrá-las, com vistas à produção do livreto em etapa posterior. Assim, realizaram-se estudos com desenhos realizados em suporte físico e também digital. Produziram-se então desenhos em sulfite coloridos à lápis e giz pastel oleoso, arte-finalizados com nanquim (figuras 4 e 5), bem como ilustrações digitais no software livre *FireAlpaca64* com auxílio de mesa digitalizadora (figura 6). Os desenhos desenvolvidos em suporte físico foram posteriormente escaneados.

FIGURA 3. Levantamento das ervas coletadas e utilizadas no Terreiro dispostas em círculo sob Arupemba (cesto de palha). Fonte: autores, 2025.



FIGURAS 4, 5 e 6. Ilustrações da Espada-de-São-Jorge (esquerda) e detalhe do Manjerição (meio) e Espada-de-Santa-Barbára (direita), sendo as duas primeiras realizadas com técnica que utiliza lápis, giz pastel oleoso e nanquim e a terceira com recurso digital. Fonte: autores, 2025.



CONCLUSÕES

Em suma, entende-se que a vegetação, dentre elas as ervas, possui dimensões biológicas, estéticas, medicinais e culturais de grande valia para povos, comunidades e organizações com referencial afro e indígena brasileiros e desempenham um importante papel na luta contracolonialista e de valorização dos saberes tradicionais. Nesse viés, o contato com essas comunidades e suas cosmovisões se faz imprescindível para construção do diálogo inicial entre paisagem e o fomento do cultivo de ervas simbólicas para estruturação do livreto.

Contudo, desta-se que o estudo desses estratos vegetais são importantes não só para disseminação e uso em escala urbana, mas também como forma de romper com o sistema-mundo capitalista eurocentrado, que de forma racista, subjuga e tenta apagar as culturas Afro diaspóricas e Indígenas do território brasileiro. Dessa maneira, os objetivos iniciais de levantamento de espécies representam o primeiro passo de uma trajetória de retorno às raízes, ou seja, a ancestralidade presente nas ervas portadoras de ensinamentos a serem partilhados, contribuindo para a coexistência de múltiplos mundos, evitando uma homogeneização colonial. Espera-se, com o decorrer da pesquisa, realizar um aprofundamento a partir de saberes tradicionais pelo diálogo com as pessoas e, a partir da produção do livreto da pesquisa, auxiliar na disseminação desse conhecimento ancestral. Acredita-se que a constituição do pequeno livro para divulgação das ervas seja um elemento potentemente contracolonialista (Santos, 2023) que através do estabelecimento de uma relação mais próxima com a

vegetação e as cosmovisões de povos afroconfluentes e indígenas dá espaço para a (r)existência das pluralidades.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Autor 1 procedeu com o trabalho de campo, levantamento de espécies, redação do texto, e ilustrações. Autor 2 contribuiu com a orientação do trabalho e auxílio na redação. Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de, et al. *Introdução à etnobotânica*. Interciencia, 2022.

ANDRÉ, Mônica Bertoldi. **Ruínas do Abarebebê**: um olhar etnobotânico para a decolonização da paisagem. 2019. 132 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; MARTINS, Joel. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: Fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Centauro, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação Social**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

GOMES, Verônica Maria da Silva; CATALÃO, Vera Margarida Lessa. “Kosi ewe, kosi orisa” (sem folha não há orixá): vivências ecológicas em um terreiro de candomblé. **Ea, Saberes Tradicionais/Alternativos**, Brasília, p. 1-21, jan. 2015. Disponível em: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/22319>. Acesso em: 29 abr. 2025.

KIDOIALE, Makota. As plantas nossos ancestrais. In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; CANÇADO, Wellington (orgs.) **Terra: Antologia Afro-Indígena**. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. p. 87-100.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2001.

OLIVEIRA, Maria Isabel Magalhães Tavares de. **Sonhar a paisagem**: um caminho etnobotânico pela cidade universitária. 2021. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RODRIGUES, V. G. S.; GONZAGA, D. S. Manjerição. In: **Folder 10** - Série “Plantas Medicinais”. Porto Velho, RO: EMBRAPA, 2001. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/100713/1/folder-manjericao.pdf> Acesso em: 17 ago. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023. 112 p.

SILVA, K. L. **Estudo farmacológico do óleo essencial de Ocimum basilicum L. e seu componente majoritário (estragol) em músculo liso aórtico de ratos**. 2019. 67 f. Dissertação (Mestrado em Farmacologia) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 112 p.